

# Suplemento Cultural

## XV Recital de Poesia homenageará o escritor e poeta Hélio Serejo

ELIZABETH FONSECA – poeta/escritora e tesoureira da ASL

Numa atmosfera de felicidade, tive meu olhar guiado para a literatura do escritor e poeta Sul-Mato-Grossense, Hélio Serejo, na escolha do homenageado para o XV Recital de poesias do “Curso Arte de Dizer Castro Alves”. Serejo nasceu em 1º de junho de 1912, em Nioaque. Aos dois anos de idade seguiu com a família para a cidade de Ponta Porã, onde concluiu estudo primário e a Escola de Instrução Militar, tornando-se reservista de segunda categoria. Trabalhou no jornal Folha do Povo, de Aral Moreira, onde, aos 13 anos, publicou suas primeiras crônicas, alinhavando seu destino de escritor. Aos 16 anos, vivenciou a vida nos ervais do Ivinhema, permitindo-lhe tudo aprender. Estudou em Campo Grande, voltando depois a Ponta Porã, onde se engajou no Batalhão Antônio João. Preso indevidamente, mesmo provada sua inocência, não quis jamais voltar ao quartel, desistindo de seguir carreira militar e abandonando o seu maior sonho, que era ser engenheiro militar, para construir pontes.

Ler Hélio Serejo é descobrir caminhos que nos levam à história do sul do nosso Estado. Seu olhar atento e investigador, de todos os causos, misturou também poesia, para contar em prosa e versos campeiros a vida dos ervateiros. Um verdadeiro diamante verde, como as folhas do *caá-verá* (*erva-mate brilhante*), registrados em 64 cadernos para transformá-los em livros, que contam a história do ciclo da erva-mate.

Em 1939, casou-se com Henriqueta Barbosa Martins, e dessa união nasceram duas filhas: Nahara e Helita. Entre os cargos que ocupou, foi fiscal de rendas de Mato Grosso, em Rio Brillante, nomeado para a repartição de terras do recém-criado Território Federal de Ponta Porã. Indo morar em Presidente Venceslau, em 1948, estaria traçado o seu destino para a humanidade; sendo o idealizador do movimento pró-ponte, que presenciando a dificultosa travessia de balsas no rio Paraná, divisa de SP com MT, ainda uno, não hesitou de insistir ao então presidente Juscelino Kubitschek,



HÉLIO SEREJO, escritor cujo neologismo regional immortalizou singularmente nossas fronteiras

em visita a Presidente Epitácio, a construção da ponte, ao que foi atendido. Quando inaugurada em 1965, pelo então presidente da República, Castelo Branco, ganhou injustamente o nome de ponte “Maurício Joppert”, sendo mudado, após insistentes e justas solicitações, para ponte “Hélio Serejo”, através da Lei 12.610, de 10/04/2012.

Hélio pertenceu a várias Academias de Letras, como a ASL, a AML, e outras. Também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de MS. Dentre dezenas de livros que escreveu, citarei alguns: Modismo do Sul de Mato Grosso, Canto Caboclo, O Homem Mau de Nioaque, Buenas Chamigo!, De galpão em galpão, Versos da Madrugada, Cartas de Presidente Venceslau ao Cumpadre Anselmo, Rodeio de Saudade, Discursos de Posse, Vida de Erval, Pelas Orilhas da Fronteira, Balaio de Bugre e muitos outros. Ganhou o prêmio “O Ciclo da Erva Mate em Mato Grosso do Sul”, pelo Instituto Euvaldo Lodi. Voltou a morar em

“

Hélio pertenceu a várias Academias de Letras, como a ASL, a AML, e outras. Também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de MS”

Campo Grande, dois anos antes de despedir-se da vida, em 2007. Suas obras hoje encontram-se reunidas em 10 volumes (Obras Completas) pelo IHGMS. Na lembrança colho esses versos: “*Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e haragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguaião...*”.

É com enorme responsabilidade que o “Curso Arte De Dizer Castro Alves”, através de seus competentes declamadores, estarão interpretando os textos e poemas desse memorável escritor que deixou rica obra literária. O Recital será apresentado em três partes, sendo: a primeira parte infantil (do *Curso Arte de Dizer* e do *Grupo Querubins*, da confeitaria Iledes Muller); a segunda, destinada aos poetas da ASL; e a terceira e última parte dedicada ao escritor homenageado, Hélio Serejo, com um vasto repertório. Teremos intervalos musicais com o compositor Galvão e o confrade da nossa ASL, poeta/compositor Rubenio Marcelo, que mostrarão (em voz e violão) composições autorais. Contaremos ainda com a importante participação do Grupo de Danças Folclóricas Paraguaianas, da Associação Colônia Paraguaia de Campo Grande. Fica aqui o nosso convite: dia 25 de outubro/2017, às 19h15min, no Teatro Prosa do Sesc/Horto, rua Anhanduí, 200, nesta cidade - entrada franca.

### POESIAS

#### CANTATA SERTANEJA

(a um singular escritor-poeta dos ervais)

No encantado planalto sul-mato-grossense,  
Bordado de cerrado, ervais e camparias,  
Vê-se um bolo de festa e agrestes iguarias,  
A que seres vivos, por amor, atêm-se:

Índios e brasiguaios em sãs alegrias  
Se unem aos animais com emoção e suspense,  
Todo mundo cantando, em louvor que convence,  
“Parabéns a Você” – a um rei das pradarias!

É o jus a quem decanta, seja em prosa ou verso,  
– Como ninguém! – nosso fronteiriço universo,  
Um filho nioaqueense, o mais culto e sobejo...

Juntos cantemos, gente minha tão querida,  
A toda uma existência em Arte e santa vida  
Deste imortal caboclo – nosso Hélio Serejo!

#### GERALDO RAMON PEREIRA

#### FALÉSIAS

Na solitude daquelas falésias  
falei tantas vezes  
com minhas falanges  
em paz com meus dedos  
meus pés, minhas mãos  
falíveis...

Inda sangram naqueles rubros paredões  
– beijados de sal e sol –  
os talismãs do primeiro verso...

E certamente não descansa na praia  
aquela jangada branca que dava ritmo  
ao azul do silêncio  
do meu olhar menino  
[nas três pontas da sua vela  
milhões de sonhos abolicionistas  
apontam mares  
e mitos ressurgentes]

Se o abstrato é indispensável  
para o contraponto da realidade,  
os sortilégios não podem  
prescindir do verde cio das manhãs  
nem das lágrimas do tempo faminto...

Grande parte da sùmula  
dos meus ais  
não está gravada em litogravuras.  
– litorais...

#### RUBENIO MARCELO

## O velório

RENATO TONIASO

Os dois eram gêmeos e competiram entre si durante toda a vida. Como eram muito sovinas, casaram-se com duas irmãs (pra *mode de herdá o mesmo tanto*), ambos tiveram um casal de filhos, e, chegando à fase final da vida, tinham conseguido amealhar mais ou menos o mesmo patrimônio: uma fazendinha, com algumas cabeças de gado e mais “uns cacarecos”. Por serem vizinhos “de propriedades”, quase todo dia estavam juntos, e, como um havia batizado o filho mais velho do outro, eram “compadres” e tratavam-se como tal. Enfim, além de serem irmãos e apesar de muito competirem entre si, eram amigos. De vez em quando, um tinha umas invejinhas do outro, mas a amizade prevalecera, pois a competição sempre fora “dentro das regras do jogo”. Tivessem vivido em outra época, poderiam ter sido tomados como prova cabal do acerto das teorias de *Stuart Mill* acerca da livre iniciativa e da competição saudável como importante fator de mercado e de desenvolvimento econômico.

Na velhice, porém, os dois começaram a pensar na morte. E como tomavam uma cachacinha juntos, conversavam a respeito do assunto, embora até aí

se manifestasse a competição. Certo dia, um falou para o outro: *vamo vê no velório de quem vai juntá mais gente e mais pessoa famosa. Eu queria que fosse firmado os nosso velório p’ra vê quem que ganhô. Cumo eu vô morrê por aqui mesmo, até pensei em já i contratando arguê m p’ra mode de fazê o sirviço. O irmão ouviu e fez apenas o seguinte comentário: tu tá loco? Firmá velório não é p’ra nós não. Isso deve custá um dinheiro. Os dois foram embora pensativos.*

Passados alguns meses e veio nova cachacinha; e, durante ela, deu-se o seguinte diálogo:

– *Ocê pensô naquele assunto de firmá os nosso velório?*

– *Pensei e até tô vendendo o sítio pra i p’ro Rio de Janeiro.*

– *Pra que? Ocê fico loco?*

– *Sabe que lá tem aqueles cimitério bunito, cum capela de velório uma no ladinho da outra?*

– *E daí?*

– *Daí? Imagina eu morrê no mesmo dia que morrê um daqueles artista da Grobo e se velado na capela do lado? Quanta gente vai comparecê no velório e a firmage vai se de graça! Quero vê como ocê vai separá quem cumpareceu no meu velório e no dele.*

O compadre pensou um pouco e respondeu: *pô, cumpadre, aí ocê apelô!*

## O MANOBRISTA

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Em todas as capitais e cidades grandes, há, hoje, uma prestação de serviço que se torna, a cada dia, mais necessária: a do guardador de carros.

À frente dos hotéis e das repartições públicas e, principalmente, nos estacionamentos, (e há edifícios enormes só para estacionamento), o manobrista é um verdadeiro artista prestativo, com o sorriso, a espontaneidade e a diplomacia próprios do cargo. E o olho na gorjeta, é claro!

Mas não se nega que os executivos, sempre apressados, se descarregam de um trabalho maçante.

Macalé, crioulo jovem e simpático,

musculatura de atleta, fanático torcedor do Corinthians, passa o dia, e até a noite, num corre-corre.

Dá cá a chave, dotô, e deixa por minha conta.

O doutor entrega-lhe a chave e sai tranquilo. São velhos conhecidos e o doutor é pródigo na japa.

Na volta, o carro está lavado e polido. Macalé, sorridente e feliz. Sabe sempre alguma novidade da política, uma fofoca social. A despedida é a mesma.

Tamo aqui, dotô, felicidade.

Um dia destes, uma repórter de rua achou de entrevistá-lo. Sabendo que ia sair na Televisão, não deixou por menos, postou-se importante.

Seu nome é Macalé. Muito bem,

Macalé, o trabalho de guardador de carro compensa? Explica prá gente.

Se compensa. A gente não precisa pegá no pesado.

Em termos de dinheiro, como é?

Dá prá quebrá o gaio, uma gorja aqui, outra ali, de quando em vez um bacana abre a mão com generosidade e o crioulo aqui tá feito.

Notei que vocês têm alguns colegas que bebem. Isso não atrapalha, não é perigoso?

Tem nada a vê não, dona, a cabeça que fica grougue, mais a gente trabáia co’as mão e co’os pé, tudo legal, numa boa.

É, há uma filosofia e um “jeitinho” para tudo!

## NOTÍCIAS DA ACADEMIA

**COM ENTRADA FRANCA, RECITAL POÉTICO HOMENAGEIA HÉLIO SEREJO NO TEATRO PROSA (SESC HORTO)** – Acontecerá quarta-feira 25/10, a partir das 19h15min, no Teatro Prosa (SESC Horto - Rua Anhanduí, 200), o 15º *Recital de Poesias* do Curso Arte de Dizer Castro Alves, da professora de declamação e poeta acadêmica Elizabeth Fonseca. O tradicional acontecimento – aberto, sem fins lucrativos – que a cada ano celebra o potencial artístico da arte poética declamada, homenageará nesta edição o saudoso escritor/poeta e acadêmico Hélio Serejo, mostrando – através de performances em cenários especialmente produzidos – poemas antológi-

cos de sua lavra, como “O Arriero”, “A Ponte”, “Cabocla feiticeira”, e outros. Dentre os declamadores, apresentar-se-ão nomes ilustres desta arte, como a acadêmica Iledes Muller e a própria Elizabeth Fonseca. O Recital será dividido em três partes, sendo um dos blocos dedicado ao público infantil, outro com textos de poetas da ASL, e finalizando com a homenagem a Serejo. Nos intervalos dos blocos haverá apresentações de números musicais ao vivo: com Galvão (voz e violão - intervalo 1) e Rubenio Marcelo (voz/violão - intervalo 2), que estarão mostrando composições autorais, especialmente compostas para o evento.